

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SESSÃO ANTECIPAÇÃO DOCLISBOA '22
1 de Julho de 2022

SANGUE CORSÁRIO / 1980

Um filme de Carlos Reichenbach

Realização: Carlos Reichenbach / Argumento: Jairo Ferreira e Carlos Reichenbach / Texto: Orlando Parolini / Direcção de Fotografia: Carlos Reichenbach / Som: Jorge Vaz / Montagem: Eder Mazini / Interpretação: Orlando Parolini (o poeta), Roberto Miranda (o bancário).

Produção: Produções Cinematográficas Galante / Produtor: Roberto Galante / Cópia digital, colorida, falada em português / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

SONHOS DE VIDA / 1979

Um filme de Carlos Reichenbach

Realização: Carlos Reichenbach / Argumento: Jairo Ferreira e Carlos Reichenbach / Direcção de Fotografia: Carlos Reichenbach / Som: Walter Luis Rogério / Montagem: Eder Mazini / Interpretação: Patricia Scalvi, Misaki Tanaka, Roberto Galante

Produção: Produções Cinematográficas Galante / Produtor: Roberto Galante / Cópia digital, colorida, falada em português / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

“CARTA DE PRINCÍPIOS DE UM CINEASTA CINÉFILO
(por inspiração de Bazin, Valcroze, Godard, Sganzerla e Jairo Ferreira)

Com Orson Welles aprendi a amar o teatro e a não separar a política do crime.

Com Eisenstein, aprendi a entender a fé em Lénin.

Com Vigo, a alegria inocente da anarquia.

Com Cocteau, a poesia dos sonhos.

Com Renoir, as estradas de ferro.

Com Mizoguchi, os rios e os barcos à deriva.

Com Fuller e Nicholas Ray, o cinema do corpo.

Com Dreyer, o cinema da alma.

Com Zurlini, o cinema dos sentimentos triviais.

Com Mankiewicz, a direcção de atores.

Com Howard Hawks, a exuberância da aventura e a lente sempre na altura do olho do diretor.

Com Shohei Imamura, o mundo enxergado pela “casta do umbigo” e a dramaturgia insurreta.

Com Don Siegel, o cinema físico.

Com Martin Scorsese, o amor irrestrito à sintaxe do cinema.

Com Brian de Palma, a dilatação do tempo, os travellings circulares e a ousadia.

Com Cronenberg, as metamorfoses, o estranhamento e a “operar a síntese da loucura”
(proposta por Murilo Mendes).

Com Edward Ludwig, a violência dos closes à altura do pescoço.

Com Claude Chabrol, a dissimulação das pequenas vilanias.

Com Kaneto Shindo e Kon Ichikawa, a decrepitude do sexo sem prazer.

Com William Friedkin, o “batimento” da câmara ágil e a energia do “close-quarter”.

Com Fritz Lang, o inexorável e as curvas sinuosas do destino.

*Com Paul Schrader, a face irresistível e áspera do pecado.
Com Hitchcock, a ênfase na cumplicidade do espectador e a genealogia da emoção genuína.
Com Ray Nazarro, Norman Foster, Riccardo Freda e Roger Corman, a filmar na escola do
BBB: Bom, Bonito e Barato.
Com Godard, a exercitar permanentemente a reinvenção do cinema.”*

- Carlos Reichenbach

Sendo esta uma “sessão de apresentação” da retrospectiva da obra de Carlos Reichenbach (1945-2012), um dos maiores nomes da geração do “cinema pós-novo” (expressão que ele, aliás como Júlio Bressane, um seu parceiro de geração, preferia a “cinema marginal” – porque eles não queriam ser “marginais” e, citação, “*porque a conotação política da palavra ‘marginal’ mudou, dantes era de esquerda e agora é de direita*”) e com uma obra muito pouco conhecida em Portugal, nada como deixar, na longa epígrafe com que encabeçamos a “folha”, que Reichenbach, “cineasta cinéfilo”, se apresente a si próprio. É uma apresentação bastante cirúrgica, aliás: no longo elenco de referências e ideias que Carlão (como é carinhosamente chamado pelos cinéfilos brasileiros) alinha, reconhecem-se uma série de elementos e preocupações, práticas e temáticas, que se manifestam ao longo da filmografia do autor – que decorre entre o final dos anos 1960 (**Esta Rua Tão Augusta**, de 1968), e o ano de 2007 (**Falsa Loura**), cinco anos antes da morte de Reichenbach, sucedida no exacto dia em que cumpria o 67º aniversário (como Ozu, também ele nasceu e morreu no mesmo dia do ano).

É uma obra – como de parceiros seus da mesma geração, Bressane, Rogério Sganzerla, Andrea Tonacci – cheia de contingências e de obstinações, que percorre uma variadíssima gama de registos e de géneros (do documentário à “pornochanchada”), muitas vezes dentro do mesmo filme (“gosto de pegar numa estrutura narrativa e corrompe-la”, disse ele), numa proximidade estreitíssima com a realidade brasileira (sobretudo a realidade paulista: não foi a cidade em que nasceu, essa foi Porto Alegre, mas São Paulo foi a cidade em que cresceu e viveu, e em quase todos os seus filmes é uma personagem tão importante com as personagens humanas), temperada por alusões e referências a mundo intelectual e artístico que encontra sempre uma forma de se manifestar nos filmes. A cinefilia (tanto a “clássica” como uma mais “moderna”: Reichenbach, como vários dos seus colegas, era “filho” dos “Cahiers du Cinéma” e da “Film Culture” que Jonas Mekas editava em Greenwich Village) e a literatura, sobretudo a poesia (o pai de Reichenbach era editor, livros não lhe faltavam em casa, e sempre se definiu como tendo uma formação primordialmente literária). A poesia está no centro de **Sangue Corsário**, que é uma espécie de antecipação, em quase década e meia, de uma das obras maiores do autor (**Alma Corsária**, de 1993). É um lamento: um lamento pelo poeta “marginal” Orlando Parolini (protagonista do filme e autor do seu próprio texto), e pelo aburguesamento dos que outrora foram “marginais” (o bancário que interage com Parolini, e que acaba o filme numa “apologia” do seu modo de vida, “responsável” e, naturalmente, centrado no dinheiro). É um filme, nos seus condimentos, mais “típico” do conjunto da obra de Reichenbach do que **Sonhos de Vida** (aparentemente um filme raro: a maior parte das filmografias nem o menciona), talvez um ensaio para um díptico em que o realizador pensou durante bastante tempo (esses filmes chamar-se-iam **Sonhos de Vida** e **Vida de Sonhos**), com foco temático nas vidas das mulheres operárias da periferia de São Paulo, mas que se veio a converter, já nos finais da actividade do autor, num par de filmes de título diferente, **Garotas do ABC** e **Falsa Loura**. Este projecto valeu-lhe um epíteto de que não gostava particularmente (o “Fassbinder brasileiro”), mas também exemplifica a riqueza da paleta com que Reichenbach trabalhou do princípio ao fim. Que esta sessão abra o apetite para que o espectador volte, em Outubro, para conhecer todas as cores dessa paleta – eis o nosso desejo para esta noite.

Luís Miguel Oliveira